

Música: Movimiento, de Jorge Drexler: (3min 51s)

De que tesouro nos fala a música, que ideia nos tenta mostrar?

Video no youtube: <https://youtu.be/rGL JSfpAqU>



Canción no Spotify:

<https://open.spotify.com/track/7pBoi7yWCPzn3UjeMsGKg6?si=2bnBiBJ-Qh2-j6bIHHRp7Q>



A letra da música, retirada de: <https://genius.com/Jorge-drexler-movimiento-lyrics>

Movimiento



Mal nos erguemos
Começámos a migrar pela savana
Seguindo a manada de bisões
Além do horizonte
Até novas terras, longínquas
As crianças nas costas e ansiosas
Os olhos alerta, todo ouvidos
Cheirando aquela desconcertante nova, paisagem,
desconhecida

Somos uma espécie em viagem
Não temos posses, mas bagagem
Vamos com o pólen no vento
Estamos vivos porque estamos nos movendo
Nunca estamos parados, somos transumantes
Somos pais, filhos, netos e bisnetos de imigrantes
É mais meu o que sonho que o que toco

Eu não sou daqui,
Mas você também não
Eu não sou daqui,
Mas você também não
De nenhum lado do todo
De todos os lados um pouco

Atravessámos desertos, glaciares, continentes
O mundo inteiro de ponta a ponta
Obstinados, sobreviventes
De olho no vento e nas correntes
A mão firme no remo
Carregamos nossas guerras,
Nossas canções de ninar

Nosso rumo feito de versos
De migrações, de fomes
E sempre foi assim, desde o infinito
Fomos a gota de água viajando no meteorito
Cruzámos galáxias, vazio, milênios
Buscávamos oxigênio, encontramos sonhos

Mal nos erguemos
E estávamos na sombra da fogueira
Escutámos a voz do desafio
Sempre olhando o rio
Pensando em outra fronteira

Somos uma espécie em viagem
Não temos posses, mas bagagem
Vamos com o pólen no vento
Estamos vivos porque estamos nos movendo
Nunca estamos parados, somos transumantes
Somos pais, filhos, netos e bisnetos de imigrantes
É mais meu o que sonho que o que toco

Eu não sou daqui,
Mas você também não
Eu não sou daqui,
Mas você também não
De nenhum lado do todo
De todos os lados um pouco

A mesma coisa com as canções, pássaros,
alfabetos
Se você quiser que algo morra, deixe-o
quieto



Vídeo: “The DNA Journey” (5min 16s)

De que tesouro nos fala a vídeo, que ideia nos tenta mostrar

A agência de viagens Momondo realizou uma investigação sobre o ADN de 67 pessoas de diferentes nacionalidades, pode tirar algumas conclusões ao assisti-lo em:: <https://youtu.be/tyaEQEmt5ls>



O vídeo é em inglês, no YouTube em você pode facilmente ativar as legendas e escolher o seu idioma.



Artigo: el espíritu de compartir (o espírito de partilhar). De María López Carceller.

Este anexo contém o **artigo completo**, tal como apareceu na imprensa, então pode ser necessário adequar o seu conteúdo e o seu nível a nossos alunos (lembramos que existem duas versões disponíveis mais simples.)

Você tem o artigo original disponível em: <http://www.diarioinformacion.com/portada-alicante/2010/02/27/espíritu-compartir/985709.html>, jornal Información, de Alicante.



El espíritu de compartir (O espírito de partilhar)

A solidariedade, a hospitalidade e a predisposição para partilhar são características integradas na cultura do Senegal, um dos países mais atingidos pela emigração ilegal..

MARÍA LÓPEZ-CARCELLER*. Viajar para África nunca deixa ninguém indiferente. Desencadeia naturalmente em quem chega uma profunda reflexão sobre o valor de partilha e de pertença. Ter o tempo de mergulhar na cultura senegalesa, é uma oportunidade para conhecer de perto a solidariedade e a hospitalidade, totalmente integradas em uma cultura.

As relações diárias entre os senegaleses são um fluxo contínuo de troca, sendo a partilha a base de todas elas. As fronteiras entre o "eu" indivíduo e o "nós" grupo se desvanecem para apenas existir. Viver nesse contexto é uma boa escola para aprender a pensar e agir pelo interesse comum, passaporte essencial para atravessar a fronteira entre o próprio e o coletivo. Uma oportunidade para se relacionar a partir de uma perspectiva de grupo, abandonando por um momento os padrões egoístas que isolam e encerram as pessoas em falsas posses.

Esquecer as posses para pertencer, ser grupo, recuperar a generosidade enquanto valor. Partilhar nos pequenos detalhes do cotidiano: a casa sempre de portas abertas para aqueles que entram e saem, moradores e vizinhos, comer em um único prato que nunca se começa sem convidar todos os presentes ou a incrível troca de sandálias sem que ninguém se incomode porque outros usam as suas. O conceito do próprio é muito mais flexível em comparação com o que é visto em outras culturas.

Para aqueles que chegam de mais ao norte, às vezes é difícil ajustar estes dois espaços fundamentais para a convivência, o espaço individual e o coletivo, acostumados a um contexto individualista que incentiva a competição e onde o destaque sobre o grupo é avaliado pela propriedade acumulada. É por isso que a solidariedade não é mais uma riqueza cultural, se institucionalizou e deixou de ser praticada espontaneamente todos os dias.

Partilhar não é dar uma gratificação para se livrar de quem pede e mantê-lo afastado. Partilhar é abrir o seu próprio espaço para outro tirar proveito dos recursos aí existentes. Partilhar é maximizar o número de beneficiários de um mesmo recurso. É só dar uma olhada ao fecho hermético das fronteiras europeias, para reconhecer a incapacidade de certas sociedades para partilhar.

E desde o momento em que se fazem as malas, tendo em conta as restrições que as companhias aéreas estabelecem para o peso da bagagem, começa o conflito entre o eu e o nós, entre o egoísmo e a partilha. Desde o momento em que decidimos o que levar como contribuição solidária (no caso dessa possibilidade ser levantada) e o que levar para si mesmo, entre que espaço deixo para as minhas coisas e que espaço deixo para as coisas para dar aos outros.

Para o senegalês, o valor individual é construído a partir de laços. Eu sou porque eu pertença e ofereço, ao invés de eu sou porque me destaco e acumulo. A identidade é formada a partir de uma pertença familiar, étnica ou religiosa, partilhada. Destacam-se apenas as virtudes pessoais, um é parte do grupo e é reconhecido por essa pertença e pela sua capacidade de se relacionar e partilhar, não pelo que o diferencia. As pessoas se conhecem ou tentam se conhecer sem muita dificuldade, estendendo as ligações entre bairros, vilas, cidades, com os movimentos migratórios, até mesmo países. Existe troca e cooperação, uns levam aos outros, em um tecido infinito de relações em que todos se tratam com familiaridade apesar de se terem conhecido à pouco. O respeito pelo coletivo como um princípio fundamental, o pensar para além das fronteiras do eu, é um valor fundamental na cultura senegalesa.

No entanto, esse espírito de partilha nem sempre é tão construtivo, uma vez que também pode gerar situações onde as expectativas coletivas sufocam a pessoa incapaz de as satisfazer. Esta é a situação de muitos imigrantes que estão sem trabalho na sociedade de acolhimento, em situação irregular, e não conseguem enviar nada para suas famílias, que esperam impacientemente, porque colocaram todas as suas esperanças neles.

A excessiva valorização da partilha também pode incentivar o surgimento de figuras vitimistas, que a partir de posições sem esperança exigem se beneficiar da ajuda de quem mais tem, reclamando a sua solidariedade como direito próprio, sem se responsabilizarem por seu próprio progresso e melhoria. A partir daí, a interdependência e a troca justa se tornam dependência. A dependência financeira dos mais fracos diante dos mais fortes. Isso não favorece nenhuma das partes, uma vez que diminui a liberdade de ambas. Carregando uma de responsabilidades e obrigações e outra perdendo autonomia.

Um caso controverso na sociedade senegalesa, é o dos meninos de rua, os talibe. Essas crianças aprendem o Corão, ao lado de um marabout (mestre espiritual) e como parte de sua prática e aprendizagem são obrigadas a mendigar e arrecadar uma certa quantidade de dinheiro a cada dia para levar a seu mestre. As condições de mendicância colocam em perigo a integridade física e psicológica da criança, pelo que a prática é criticada por vários setores da sociedade. Ainda assim é impossível para pôr cobro a isso, uma vez que é a mesma generosidade dos senegaleses, a facilidade para dar e partilhar que a mantém, porque no final, é lucrativo que as crianças peçam na rua.

A cultura senegalesa emana esse espírito de partilha, convidando a meditar sobre esta luta de interesses entre o indivíduo e o coletivo. Um conflito construtivo e necessário na convivência, uma vez que ajuda a restabelecer o equilíbrio entre as necessidades de um e as dos outros, a partir da sensibilização do "nós", da influência do bem-estar dos outros sobre o de um, do direito natural da interdependência, tão fortemente enraizado no país da "Teranga".

(*) **María López-Carceller** é uma antropóloga e mediadora intercultural. Atualmente está envolvida em vários projetos humanitários no Senegal através ONGs e associações locais. Entre eles, o desenvolvido pela associação de Alicante Kumare la Kumo para conceder microcrédito a mulheres senegalesas em situação de exclusão. Também participa em ações destinadas a informar os jovens sobre os problemas da imigração ilegal.



Artigo: el espíritu de compartir (o espírito de partilhar). De María López Carceller

Este anexo contém um excerto do artigo original (disponível na íntegra no anexo 4.A). Há uma versão mais simples no anexo 4.C.

El espíritu de compartir (O espírito de partilhar)

A solidariedade, a hospitalidade e a predisposição para partilhar são características integradas na cultura do Senegal

MARÍA LÓPEZ-CARCELLER*. Viajar para África nunca deixa ninguém indiferente. Desencadeia naturalmente em quem chega uma profunda reflexão sobre o valor de partilha e de pertença. Ter o tempo de mergulhar na cultura senegalesa, é uma oportunidade para conhecer de perto a solidariedade e a hospitalidade, totalmente integradas em uma cultura.

As relações diárias entre os senegaleses são um fluxo contínuo de troca, sendo a partilha a base de todas elas. As fronteiras entre o "eu" indivíduo e o "nós" grupo se desvanecem para apenas existir. Viver nesse contexto é uma boa escola para aprender a pensar e agir pelo interesse comum, passaporte essencial para atravessar a fronteira entre o próprio e o coletivo. Uma oportunidade para se relacionar a partir de uma perspectiva de grupo, abandonando por um momento os padrões egoístas que isolam e encerram as pessoas em falsas posses.

Esquecer as posses para pertencer, ser grupo, recuperar a generosidade enquanto valor. Partilhar nos pequenos detalhes do cotidiano: a casa sempre de portas abertas para aqueles que entram e saem, moradores e vizinhos, comer em um único prato que nunca se começa sem convidar todos os presentes ou a incrível troca de sandálias sem que ninguém se incomode porque outros usam as suas. O conceito do próprio é muito mais flexível em comparação com o que é visto em outras culturas.



Para aqueles que chegam de mais ao norte, às vezes é difícil ajustar estes dois espaços fundamentais para a convivência, o espaço individual e o coletivo, acostumados a um contexto individualista que incentiva a competição e onde o destaque sobre o grupo é avaliado pela propriedade acumulada. É por isso que a solidariedade não é mais uma riqueza cultural, se institucionalizou e deixou de ser praticada espontaneamente todos os dias.

Partilhar não é dar uma gratificação para se livrar de quem pede e mantê-lo afastado. Partilhar é abrir o seu próprio espaço para outro tirar proveito dos recursos aí existentes. Partilhar é maximizar o número de beneficiários de um mesmo recurso. É só dar uma olhada ao fecho hermético das fronteiras europeias, para reconhecer a incapacidade de certas sociedades para partilhar.

Para o senegalês, o valor individual é construído a partir de laços. Eu sou porque eu pertenço e ofereço, ao invés de eu sou porque me destaco e acumulo. A identidade é formada a partir de uma pertença familiar, étnica ou religiosa, partilhada. Destacam-se apenas as virtudes pessoais, um é parte do grupo e é reconhecido por essa pertença e pela sua capacidade de se relacionar e partilhar, não pelo que o diferencia. As pessoas se conhecem ou tentam se conhecer sem muita dificuldade, estendendo as ligações entre bairros, vilas, cidades, com os movimentos migratórios, até mesmo países. Existe troca e cooperação, uns levam aos outros, em um tecido infinito de relações em que todos se tratam com familiaridade apesar de se terem conhecido à pouco. O respeito pelo coletivo como um princípio fundamental, o pensar para além das fronteiras do eu, é um valor fundamental na cultura senegalesa

No entanto, esse espírito de partilha nem sempre é tão construtivo, uma vez que também pode gerar situações onde as expectativas coletivas sufocam a pessoa incapaz de as satisfazer. Esta é a situação de muitos imigrantes que estão sem trabalho na sociedade de acolhimento, em situação irregular, e não conseguem enviar nada para suas famílias, que esperam impacientemente, porque colocaram todas as suas esperanças neles.

(...)

A excessiva valorização da partilha também pode incentivar o surgimento de figuras vitimistas, que a partir de posições sem esperança exigem se beneficiar da ajuda de quem mais tem, reclamando a sua solidariedade como direito próprio, sem se responsabilizarem por seu próprio progresso e melhoria

(*) **María López-Carceller** é uma antropóloga e mediadora intercultural.



Artigo: el espíritu de compartir (o espírito de partilhar). De María López Carceller

Este anexo contém uma adaptação do artigo original, o vocabulário e algumas expressões foram alteradas para torná-lo mais simples e compreensível. (o original completo está disponível no anexo 4.A)

El espíritu de compartir

A solidariedade, a hospitalidade e a predisposição para partilhar são características integradas na cultura do Senegal

MARÍA LÓPEZ-CARCELLER Viajar para África nunca deixa ninguém indiferente. Naturalmente, provoca em quem chega uma profunda reflexão sobre o valor da partilha e da pertença. Ter o tempo para mergulhar na cultura senegalesa, é uma oportunidade para conhecer de perto a solidariedade e a hospitalidade, totalmente integradas em uma cultura.

O intercâmbio é praticado nas relações diárias entre os senegaleses, sendo a partilha a base de todas elas. As fronteiras entre o "eu" indivíduo e o "nós" grupo se desvanecem para apenas existir. Conviver neste contexto é uma boa escola para aprender a pensar e agir pelo interesse comum. Uma oportunidade para se relacionar a partir de uma perspectiva de grupo, abandonando por um momento comportamentos individualistas que isolam e fecham as pessoas em seu próprio egoísmo.



Esquecer o egoísmo para pertencer, ser grupo, recuperar a generosidade enquanto valor. Partilhar nos pequenos detalhes do cotidiano: a casa sempre de portas abertas por onde entram e saem moradores e vizinhos, comer em um único prato que nunca se começa sem convidar todos os presentes ou a incrível troca de sandálias sem que ninguém se incomode porque outros usam as suas. O conceito do próprio é muito mais flexível em comparação com o que é visto em outras culturas.

Para aqueles que chegam de mais ao norte, às vezes é difícil ajustar estes dois espaços fundamentais para a convivência, o espaço individual e o coletivo, acostumados a um contexto individualista que incentiva a competição e onde o destaque sobre o grupo é avaliado pela propriedade acumulada.

Partilhar não é dar uma gratificação para se livrar de quem pede e mantê-lo afastado. Partilhar é abrir o seu próprio espaço para outro tirar proveito dos recursos aí existentes. Partilhar é maximizar o número de beneficiários de um mesmo recurso. É só dar uma olhada ao fecho hermético das fronteiras europeias, para reconhecer a incapacidade de certas sociedades para partilhar.

Para o senegalês, o valor individual é construído a partir de laços. Eu sou porque eu pertença e ofereço, ao invés de eu sou porque me destaco e acumulo. A identidade é formada a partir de uma pertença familiar, étnica ou religiosa, partilhada. Destacam-se apenas as virtudes pessoais, um é parte do grupo e é reconhecido por essa pertença e pela sua capacidade de se relacionar e partilhar, não pelo que o diferencia. As pessoas se conhecem ou tentam se conhecer sem muita dificuldade, estendendo as ligações entre bairros, vilas, cidades, com os movimentos migratórios, até mesmo países. Existe troca e cooperação, uns levam aos outros, em um tecido infinito de relações em que todos se tratam com familiaridade apesar de se terem conhecido à pouco. O respeito pelo coletivo como um princípio fundamental, o pensar para além das fronteiras do eu, é um valor fundamental na cultura senegalesa.



No entanto, esse espírito de partilha nem sempre é tão construtivo, uma vez que também pode gerar situações onde o indivíduo se sente sobrecarregado por não conseguir ajudar como gostaria. Esta é a situação de muitos imigrantes que estão sem trabalho na sociedade de acolhimento, e não conseguem enviar nada para suas famílias, que esperam impacientemente, porque colocaram todas as suas esperanças neles.

A cultura senegalesa respira esse espírito de partilha, ajuda a restabelecer o equilíbrio entre as necessidades de um e as dos outros, a partir da influência do bem-estar dos outros sobre o de um, do direito natural da interdependência, tão fortemente enraizado no Senegal, o país da "Teranga".

